

Nº 2 - Maio 2009

Escola Secundária de
Rocha Peixoto



Póvoa de Varzim

António Augusto de **Rocha**
1909~2009 **Peixoto**



a Rocha

Uma Escola Multidimensional que Hoje Seja Mais e Melhor que Ontem



08/09



Centenário da Morte

ROCHA PEIXOTO

MENSAGENS

Associação de Pais

Associação de Estudantes

ARTIGO

Escola da Minha Vida

ARTIGO

Educação Ambiental

DEPOIMENTO DOS ANTIGOS ALUNOS

Armando Marques

Catarina Folhadela

Irmãos Bernardes

Sara Meireles

Todos os textos assinados são da responsabilidade dos seus autores

OFERTA DA ESCOLA

Um Ensino e Formação com Qualidade

DIPLOMA DE MÉRITO

Ana Paula Torre
Ricardo Graça

Todos os textos assinados são da responsabilidade dos seus autores

DIPLOMAS DO QUADRO DE EXCELÊNCIA

2007/2008

ACTIVIDADES DE COMPLEMENTO EXTRA-CURRICULAR

Coro
Desporto Escola
Teatro

DIA DA ESCOLA

2007/2008

ARTIGO

O Mesmo Espírito Numa Escola Renovada

Editorial

A Escola Secundária de Rocha Peixoto instituiu o dia 18 de Maio, aniversário do nascimento do seu patrono, como o "Dia da Escola". As festividades começaram no ano de 2007. A partir dessa data, as celebrações têm crescido em entusiasmo e em manifestações lúdicas e culturais. É assim que aparece, em 2008, "A Rocha". Esta revista, criada para fazer a sua aparição pública no "Dia da Escola", surge não como uma marca de uma festividade ou de um grupo, mas antes como um marco que se coloca na encruzilhada da vida de gerações vindouras, para ajudar a encontrar o rumo dos seus destinos. É no conhecimento e reflexão do passado que se vive o presente e se constrói o futuro.

No "Dia da Escola", estará à disposição dos leitores o segundo número da nossa revista. Este ano, "A Rocha" não poderá deixar de dar relevo às comemorações do centenário da morte do nosso patrono. Poderá parecer um pouco tétrico e paradoxal comemorar o aniversário do finamento de alguém, mas, quando se trata de figura tão ilustre como foi Rocha Peixoto, "filho da Póvoa de Varzim a terra dos seus amores", ao celebrar a morte, festejamos a vida e obra de quem continuará a iluminar os espíritos interessados pelas coisas do saber e da cultura. "A sua vida foi uma constante bênção de civismo e de dignidade humana".

A revista, para além de rejubilar com as comemorações dinamizadas pela Biblioteca Municipal e pela Escola em homenagem ao seu patrono, continuará, também, a apresentar testemunhos de quem por cá passou. Assim se contrariará o provérbio árabe que diz: "por cada velho que morra arde uma biblioteca". Esses depoimentos serão como a lava do vulcão que, incandescente, desliza pela encosta e se sedimenta, pelo tempo, no vale civilizacional, transformando-se no substrato de novos conhecimentos e saberes.

"A Rocha" aí está, jovem mas firme, disposta a fazer parte do "Dia da Escola" por longos anos.



A convivência na Escola

A Convivência no meio escolar é um tema cada vez mais recorrente nos meios de comunicação social e nas relações no meio educativo.

Pais, professores e todos os outros agentes de ensino e, especialmente, os jovens, são confrontados com uma necessidade bem real, a de promoverem uma sã convivência na Escola como factor fundamental para a sua estabilização e desenvolvimento.

A ambição de qualquer sistema educativo deve ser a de contribuir activamente para que os jovens de hoje possam ser mulheres e homens bem sucedidos no futuro.

Contudo, o contexto é particularmente complexo.

O motor de busca "Google" dá-nos números que são bem elucidativos de onde estamos: por mês são mais de 2,7 mil milhões as pesquisas aí feitas.

Face a este tipo de números, são óbvias algumas perguntas:

E antes do Google? A quem eram colocadas estas questões? E... eram colocadas?

Como envolver, então, na Escola jovens que têm hoje este mundo de oportunidades de conhecimento e de possibilidade de selecção de interesses, como nunca?

Como criar neste contexto e com este modelo um novo Paradigma de ensino para o século XXI?

Um estudo recente feito nos EUA diz-nos que quando terminar o secundário um jovem terá, em média, escrito e lido mais de 200.000 mensagens, seja via computador, seja via telemóvel.

E nós iremos acusá-los, lá como cá, de não lerem e de não escreverem!

Mas de facto eles lêem e escrevem, naquilo que os motiva, onde os seus interesses estão focados.

Ainda do mesmo estudo resulta:

Só 28% dos alunos acham que o trabalho escolar faz sentido.

Só 21% dos alunos acredita que a sua formação foi interessante.

Apenas 39% dos alunos acredita que essa formação lhe será útil para o sucesso na vida.

E isto tendo por base os alunos que prosseguem estudos. Quando considerados também os que não o fazem estes indicadores são ainda agravados.

No ponto de vista do jovem é este o contexto em que hoje se coloca a problemática da Escola e da Convivência na Escola.

Mas podemos ainda tornar a questão mais complexa se acrescentarmos as outras perspectivas que concorrem para questão em causa.

Por exemplo a dos professores, nomeadamente no quadro de uma situação profissional claramente instável e que desde há uns tempos a esta parte tem crescido nessa instabilidade.

Ou ainda a do contexto económico-social que se está a viver, com uma crise económico-financeira especialmente grave e cujas consequências irão, naturalmente, incidir sobre a realidade da Escola.

Resulta de tudo isto que acreditamos que a única forma para promover uma sã Convivência no quadro do sistema educativo é que, em casa como na Escola, e em

todo o sistema de ensino em geral, se envolvam e motivem os jovens/alunos criando, assim, um ambiente que promova o seu interesse e o seu desenvolvimento.

Acreditamos que é a interligação entre o saber, a alegria e uma necessária humildade de todos o único método para o sucesso de qualquer sistema humano, e muito em particular daqueles que visam promover o ensino e o desenvolvimento.

Neste quadro, os vários elementos do sistema educativo - pais, professores e a sociedade em geral - devem perceber que a única razão deste sistema são os jovens, a sua formação e o seu desenvolvimento, e que só cooperando todos se contribuirá para uma evolução positiva desse sistema.

Temos que saber transformar questões e querelas em oportunidades, nunca as deixando resvalar para problemas insolúveis. O "bom senso" e alguma capacidade de gestão sob pressão são absolutamente indispensáveis para permitir uma melhor e mais profícua convivência.

Recentemente lemos nos meios de comunicação social que 25% das jovens que namoram já foram maltratadas de forma reiterada no namoro pelos parceiros, e que mais de 50% delas retomaram a relação.

Esta constatação é, por ventura, a melhor demonstração de que estamos a falhar como pais e como formadores, isto é, todos nós que constituímos o tal sistema educativo.

Não estamos a conseguir passar princípios de colaboração, de envolvimento, de participação, de tolerância e respeito pelos outros, mas também de responsabilização e de capacidade de optar pelo certo em detrimento do errado.

Os jovens estão a reagir com revolta e essa é a pior das situações que se pode desejar.

Assim, o desafio de todos é sabermos comunicar, conviver e motivar, em casa, como na Escola. Motivador para o respeito e a saber, com o objectivo do sucesso e da felicidade.

Fica por fim uma última questão: Pode qualquer um de nós, sozinho, lutar contra o contexto?

Respondemos a essa questão com uma pequena história, que alguns já conhecerão, mas que vale a pena rever, é a história do beija-flor:

Conta-se que, certo dia, houve um incêndio numa floresta e que todos os animais se puseram em fuga. Todos, excepto o beija-flor. Ia e voltava, ia e voltava, trazendo uma gota de água no bico, que deixava cair sobre as labaredas e a terra calcinada. E, quando um dos animais em fuga o interpelou, dizendo ser impossível extinguir o fogo daquele modo, o beija-flor respondeu: "Eu sei que não são estas gotas que vão apagar o fogo, mas eu faço a minha parte..."

Só assim cada um, e todos nós, poderemos fazer "a nossa parte" como agentes activos para uma melhor Convivência na Escola.

A Associação de Pais e Encarregados de Educação da ESRP.

Associação de Estudantes

Como descrever a Escola Secundária de Rocha Peixoto?

Uma escola por definição educa.

Além de educar, esta nossa escola protege, aconselha, forma, alberga.

A preocupação recai sobre os alunos, sempre visando o seu futuro, desde os mais pequenos aos mais graúdos.

É onde se corrige e ensina, onde a imparcialidade e a equidade prevalecem. Das ciências às humanidades, do tecnológico aos profissionais, do nocturno ao diurno, esta escola acolhe e acompanha, compreende e auxilia.

Explora todas as convenções, dá liberdade aos sonhadores, desde a moda ao futebol, do teatro ao grupo coral, da dança à pintura.

São muitos os que passam por lá, são muitos os que lá permanecem, é lá a sua casa, onde todos somos família.

É a escola do povo, não liga a classe ou extracto social. Todos os elementos são fundamentais, desde o conselho executivo até ao jardineiro, todos são importantes para o bom funcionamento da escola.

Sentirei saudades até de passar o cartão.

É uma escola por excelência, é a escola de "todos para todos", é a nossa escola, é a Rocha Peixoto.

Anabela Jacinto
(Presidente da Associação de Estudantes)



António Augusto de **Rocha**
1909~2009 **Peixoto**



“Isto vai devagar, muito devagar, mas passados anos, com a nossa vontade e perseverança teremos feito mais que gerações e gerações de académicos”.

António Luís da Rocha Peixoto era um médico natural de Arcos de Valdevez. Exerceu a sua profissão no exército, quando deixou o lugar de médico militar, vindo a optar pela vila da Póvoa de Varzim para praticar medicina.

Médico no hospital da Misericórdia local, veio a contrair matrimónio com Constança Amélia Pereira da Costa Flores, natural de Vila do Conde. Desta união, nasceram doze filhos, tendo sobrevivido apenas seis filhos.

Quis o destino que o penúltimo destes filhos, viesse a tornar-se figura de relevo na sociedade portuguesa. Nascido a 18 de Maio de 1866, na Rua da Silveira, na Póvoa de Varzim, foi registado com o nome de António Augusto César Octaviano da Rocha Peixoto.

O jovem António Augusto bem cedo, conheceu o significado da palavra desgosto, pois com apenas oito anos de idade, morreu-lhe o pai aos 70 anos, deixando a sua família numa situação económica difícil. A solução encontrada foi distribuir os filhos pelos tios mais próximos.

Talvez por esse facto, a cidade do Porto tenha tido uma importância vital na vida deste jovem, pois aqui fez os seus estudos. Frequentou o Colégio de N. Sr^a do Rosário, antigo Instituto de S. Domingos, onde estudaram Eduardo Coimbra, António Nobre ou Alexandre Braga.

A sua aptidão para as letras revelou-se bem cedo, pois com apenas quinze anos pertence ao corpo fundador de uma revista de estudantes chamada “Boletim Literário”, de que saíram apenas três números.

Os seus estudos prosseguiram na Escola Académica, onde conheceu Ricardo Severo, Fonseca Cardoso, João Barreira, Hamilton de Araújo e António Nobre, com quem formou um grupo unido e coeso.

No tempo das alheiras reuniam numa ceia, como de um ritual se tratasse, em que as alheiras eram sempre obrigatórias, vindas de Chaves, da casa da mãe de João Barreira.

Nestas tertúlias, aproveitavam para fazer versos ao desafio, pois não queriam ficar atrás uns dos outros. Ao

Hamilton, os versos saíam-lhe com incrível facilidade, levando Gomes Leal a comentar:

–“Quando se é rapaz, os alexandrinos acumulam-se nos por tal forma na cabeça que, de vez em quando, precisamos desovar!”.

Assim, escreveu Hamilton, no papel de embrulhar os bolos:

*Se alguém dissesse ao meu M.
Que tanto adoro e venero,
O que o meu coração teme,
Se caio no desespero,
Que abandonei o lirismo
E os doces madrigais gratos
Para dar-me ao realismo
Destes banquetes baratos,
Tendo a um lado o meu bom Nobre
Ao outro o Barreira e o Brito,
Uns belos tipos que cobre
O vasto azul do infinito,
Na minha frente o Peixoto,
Amigo caro e leal,
Desse tempo de garoto,
Desse tempo jovial,
Talvez que gritasse: - é incrível!
O poeta que deve ser
O sacrário imperecível
Da paixão de uma mulher,
Calcar aos pés este afecto
Por causa de um triunvirato
E passar a noite, é abjecto!
Neste banquete barato.*

Formaram o Clube da Escola Académica a que deram, mais tarde, o nome Grémio Oliveira Martins, devido à enorme admiração que sentiam pelo historiador, exercendo por isso, grande influência na formação intelectual de Rocha Peixoto.

Escolhe a Rua da Paz, em Matosinhos, para morar.

Em 1887, Rocha Peixoto funda, com Fonseca Cardoso, João Barreira, Ricardo Severo, a Sociedade Carlos Ribeiro, que viria a ser representada, mais tarde, pela Revista de Ciências Naturais e Sociais, que tinha

como colaboradores Basílio Teles, António Arroio, Oliveira Alvarenga, António Nobre, Augusto Nobre.

Desta revista científica e literária saíram vinte fascículos. Seria o balão de ensaio para outros voos mais altos, pois a cabeça destes jovens fervilhava de ideias, que era preciso explaná-las. Em Abril de 1899, é publicado o primeiro número da revista Portugal.

Por esta altura, já Rocha Peixoto tinha desistido dos estudos académicos, para sustentar a família, mãe e irmãs que ficaram desamparadas pelo falecimento de seu pai.

Para angariar o sustento da sua família lecciona a disciplina de Ciências Naturais, na Escola Industrial Infante D. Henrique. Ainda estudante, é convidado a ocupar o lugar de naturalista - adjunto na Escola Politécnica do Porto.

Chega a exercer quatro cargos em simultâneo pois, entretanto, é convidado para o cargo de Bibliotecário-Chefe na Real Biblioteca Municipal do Porto e Conservador do Museu Municipal do Porto.

Os seus trabalhos científicos prosseguem pela malacologia, estudando os moluscos e as conchas, passando depois para a antropologia, arqueologia, epigrafia, etnografia e etnologia.

Para os seus estudos etnográficos, Rocha Peixoto fez várias excursões com o seu primo, Manuel Monteiro, ao norte do país, entre 1901 e 1905, escolhendo o período das férias grandes e da Páscoa para esse fim. Estas viagens constituíam, nesses anos, uma verdadeira aventura, já que os meios de transporte eram escassos e, por vezes, Rocha Peixoto socorria-se do... burro! Os obstáculos, contrariedades e cansaço que estas excursões provocavam, só eram ultrapassados, devido à sua enorme paixão pela etnografia.

Nessas viagens, Rocha Peixoto observava no local os objectos, ora desenhando-os, ora fotografando-os, além das indispensáveis notas. Era grande a preocupação de ilustrar os seus estudos com fotografias, desenhos e aquarelas, pois era um apaixonado pela cultura do povo português.

Luís de Magalhães é bastante elucidativo quando descreve no seu depoimento o modo de trabalhar de Rocha Peixoto:

“Com o seu bloco de notas, a sua objectiva, o seu lápis, correu, palmilhou quase todo o país, sobretudo o norte, subindo às serras, descendo aos vales, contornando o litoral, escavando nas ruínas das citânias ou remexendo nas necrópoles dos dólmenes, medindo crânios, observando tipos étnicos, visitando povoações arcaicas, coleccionando os utensílios locais...”

Rocha Peixoto possuía um temperamento irrequieto. Em geral era sisudo. Quando se exaltava, utilizava uma linguagem rude, tornando-se, por vezes, agressivo.

Contrastando com essa sua faceta, na vida privada Rocha Peixoto era uma pessoa afectuosa e cordial, de fácil convívio, sabendo receber os amigos como ninguém.

Possuía igualmente uma rara sensibilidade. Nos seus pouquíssimos momentos de repouso, desfrutava a tranquilidade da sua casa e admirando as flores do seu quintal.

Uma das principais características da sua personalidade era a de polemista, dado que, não suportava a mediocridade, nem a indiferença. Foram várias as polémicas em que se envolveu:

O caso de jesuítas – O jornal poveiro Estrela Povoense, em 1883, publicou uma série de artigos sobre os Jesuítas subscritos por um estudante poveiro de 16 anos.

Mal saiu o primeiro artigo, Rocha Peixoto, que contava na altura 17 anos, escreveu noutro jornal poveiro, A

Independência, atacando o referido estudante e os Jesuítas. Aquele, não deixando os seus créditos por mãos alheias, respondeu no mesmo tom. Esta polémica que havia sido iniciada em finais de 1883, arrastou-se nos jornais durante vários meses, produzindo eco entre os seus companheiros das tertúlias.

Crítica ao ensino da Politécnica – Frequentava Rocha Peixoto a Academia Politécnica quando inicia um combate contra João Bonança e o ensino na Politécnica, causando escândalo com o seu artigo “As deficiências de trabalho na Academia Politécnica”.

Esta polémica sobre a questão académica, resultou numa troca de “galhardetes” entre Rocha Peixoto e “Um grupo de académicos”. Além disso, originou um episódio caricato, livrando-se Rocha Peixoto de levar umas bengaladas de João Bonança. É que este, como só tinha visto uma vez o cientista, descarregou a sua bengala num inofensivo e surpreendido transeunte, com quem fez confusão.

Chegou também a entrar em conflito com um professor, por causa de uma questiúncula na aula.

Crítica ao Museu Municipal do Porto – Quando em 1888 publicou o opúsculo sobre o Museu Municipal, Rocha Peixoto afirmou:

“Portugal é hoje o menos conhecido e explorado de todos os países da Europa; da sua fauna apenas se conhecem muito poucos e raros fragmentos... É tempo, cremos nós de fazer cessar essa vergonha, que denuncia aos estrangeiros o nosso atraso e obscurantismo; é tempo de estudar por nós mesmos o que é nosso...”

O opúsculo de Rocha Peixoto criticando o abandono em que se encontrava o Museu Municipal teve o condão de provocar uma campanha na imprensa a favor do Museu, obrigando, desta maneira, a Câmara a tomar medidas.

Julgando a Câmara do Porto que este trabalho se reportava ao lente Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto, apressa-se a incluir no seu orçamento 40 contos destinados ao museu. Acaba por descobrir que o autor do trabalho não era o lente da Universidade de Coimbra, mas o ainda desconhecido Rocha Peixoto, acabando por destinar a verba para outras aplicações.

A polémica de Santa Clara – Quando faleceu a última freira do Convento de Santa Clara, o Estado enviou representantes seus para tomar conta do espólio. Segundo livro “O Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde” o emissário chegou um pouco tarde, pois muitas peças de arte já tinham “voado” para mãos pouco escrupulosas.

Esta situação chegou ao conhecimento de Rocha Peixoto que não perdeu tempo e deitou pés ao caminho para escolher e comprar peças que enriqueceriam em muito o museu de que era director.

Quando Rocha Peixoto fez a escolha das peças que deveriam ser transportadas para o Museu do Porto – a que assistiu o poeta e coleccionador Guerra Junqueiro – requisitou também o sarcógrafa de D. Brites Pereira, segundo conta o Dr. Flávio Gonçalves.

A população de Vila do Conde, alertada sobre o facto, impediu a saída dessa peça de valor incalculável, estando a população falsamente informada de que Rocha Peixoto se preparava para levar os túmulos dos fundadores do mosteiro.

Mais tarde, Rocha Peixoto explicou, no Jornal Primeiro de Janeiro, como só depois de ter sido retirado o túmulo da penumbra e da poeira em que se encontrava, descobriu o seu real valor.

A polémica Eça de Queiroz – Na minha opinião, acho que vila-condenses e poveiros viveram sempre de costas voltadas. Uma exagerada, quanto a mim, rivalidade impedia-

os de uma fraterna vizinhança. O caso da naturalidade do escritor Eça de Queiroz ajudou a consolidar alguns ressentimentos, já que Póvoa de Varzim reclamava (baseada em provas) para si o local de nascimento do insigne escritor.

Para acabar com a polémica, a Câmara da Póvoa convidou Rocha Peixoto a investigar o local de nascimento do escritor. Rapidamente o cientista apresentou as provas que confirmavam o nascimento de Eça na Póvoa, tendo as mesmas sido publicadas nos jornais poveiros. Caiu o Carmo e a Trindade! Os vila-condenses não aceitaram muito bem o resultado da pesquisa de Rocha Peixoto e não perderam tempo a atacá-lo, colocando panfletos nas casas da vila, denegrindo ainda mais o seu nome.

Penso que, quem assim procedeu, esqueceu que Rocha Peixoto tinha ascendentes vila-condenses e que, por isso, gostaria igualmente da terra que viu nascer sua mãe. Ao adquirir parte do espólio de Santa Clara destinado ao Museu do Porto, estava, de certa forma, a protegê-lo dos “abutres” que rondavam o convento.

Das polémicas para a política. A família Rocha Peixoto era miguelista, enquanto o cientista nos seus tempos de estudante era um jovem militante que defendia ideais republicanos. Desde a primeira hora que alinhou no movimento nacionalista existente nos meios intelectuais do Porto, pois na altura, vivia-se em plena ideologia revolucionária à qual Rocha Peixoto não ficava indiferente.

Há documentos que comprovam o envolvimento de Rocha Peixoto no movimento 31 de Janeiro. Nessa manhã, Ricardo Severo e Rocha Peixoto correram a chamar Basílio Teles à Foz, pondo este ao corrente do que se estava a passar no Porto, ficando os três amigos a inspecionar a zona principal da cidade, com a finalidade de conhecerem os movimentos das tropas leais ao Governo.

Nessa altura, com vinte e quatro anos, Rocha Peixoto, a meio da manhã, redigiu o manifesto destinado à população civil e, sobretudo aos operários, através do qual se pretendia provocar focos de instabilidade que distraíssem as forças da Guarda Municipal.

Mas os acontecimentos não lhe foram favoráveis. Vendo a revolta comprometida, Rocha Peixoto e os três amigos separaram-se, indo à procura de reforços para os amotinados. Quando se apercebem que a revolução fracassou, Rocha Peixoto refugiou-se na sua casa, na Rua da Paz.

Segundo rezam as crónicas, muitos dos seus folhetos ou panfletos sustentavam doutrinas, que ele próprio, nalguns casos, teve de abandonar.

Madalena Amaro

a Obra

O Naturalista :: Rocha Peixoto foi um naturalista notável. Quando era ainda aluno da Escola Politécnica do Porto, é convidado a exercer o cargo de naturalista-adjunto desta Escola.

Aí instala uma secção de minerais, adquirindo, seleccionando e acondicionando minerais e fósseis, criando assim, a futura secção de Mineralogia e Geologia dessa Escola.

A importância deste seu trabalho foi reconhecida pela Academia, que lhe atribuiu um louvor, como mineralogista.

O Escritor :: Rocha Peixoto escreveu sobre temas tão diversos como a orlaria, a tatuagem, os cata-ventos, peças de vestuário, pintura de tábuas votivas, decorações das filigranas, azulejos, palheiros do litoral, iluminação popular, encontrando-se alguns destes temas incluídos nas seguintes obras:

Revista de Ciências Naturais; Revista Portuguesa; Revista de Portugal; Museu Municipal do Porto; Curso Elementar de Geografia Geral; As Siglas da Ponte.

Rocha Peixoto utilizava ainda a escrita como arma contra a ignorância e o obscurantismo.

O Bibliotecário :: Durante nove anos dirigiu a Real Biblioteca Pública Municipal do Porto, tendo feito excelente trabalho, remodelando-a totalmente. Quando Rocha Peixoto tomou posse deste cargo, a biblioteca encontrava-se num estado deplorável, segundo testemunho de Monsenhor J. Augusto Ferreira. Milhares de livros empilhados jaziam a monte, estando muitos deles danificados, sem qualquer hipótese de restauro; as espécies bibliográficas e os catálogos encontravam-se bastante atrasados.

Rocha Peixoto adquiriu milhares de livros procurando actualizá-la o mais possível, dotando a biblioteca com livros de todos os ramos da ciência e da arte; compilou um catálogo de cerca de 900 páginas, devidamente classificado, dado que o anterior era confuso e estava desactualizado; organizou a nomenclatura numa tabela para a classificação das obras; ampliou com novas salas o edifício, mandando fazer mais estantes, onde ficaram arrumados os livros que estavam a monte; iniciou a publicação dos manuscritos inéditos da biblioteca, continuada pelos seus sucessores.

Conservador do Museu :: Quando em 1888 publicou o opúsculo sobre o Museu Municipal do Porto, Rocha Peixoto escreveu:

“Portugal é hoje o menos conhecido e explorado de todos os países da Europa.”

O atraso em que se encontrava os museus portugueses, mereceram de Rocha Peixoto palavras de condenação, pois achava que era tempo de acabar com o atraso e obscurantismo.

Foi muito importante a sua intervenção no Museu Municipal do Porto. Graças ao seu espírito de iniciativa, tomou as seguintes medidas:

- promoveu a construção das actuais dependências do edifício da biblioteca, onde está instalado o museu;

- organizou a secção arqueológica enriquecendo-a com materiais das cidades de Laundos, Terroso, Guifões, etc.;

- a secção epigráfica com um número apreciável de pedras brasonadas e de valiosos documentos arquitectónicos;

- a colecção de cerâmica nacional, composta de centenas de valiosas peças, incluindo um avultado número de padrões de azulejos;

- reuniu variadíssimos artefactos de todo o norte do país;

- enriqueceu a secção de pintura adquirindo quadros de pintores nacionais de grande mérito;

- adquiriu as colecções de quadros, cerâmica, cristais, mobiliário artístico e tradicional, que pertenciam a António Moreira Cabral;

- incorporou no Museu alguns objectos de valor histórico e artístico existentes nos conventos de Paderne, Vila do Conde (Conventos de Santa Clara e de S. Francisco), e do Porto;

- publicou o Guia do Museu Municipal do Porto, de colaboração com o eminente arqueólogo Joaquim de Vasconcelos.

Obra inacabada :: Quando Rocha Peixoto faleceu exercia quatro cargos em simultâneo. É consensual que o excesso de trabalho arruinou-lhe a saúde, roubando horas de descanso ao seu frágil e desgastado corpo.

Durante vinte anos reuniu os materiais para aquela que deveria ser a obra da sua vida – um livro sobre o povo português - e quando se preparava para realizar esse sonho, a doença devorou, de uma forma brutal, esse sonho.

Morreu no mesmo mês em que nasceu, ficando a mágoa de não ter realizado dois projectos: a de não ver publicada a obra da sua vida e a de não deixar acabado o seu projecto no Museu Municipal do Porto.

Faleceu aos 43 anos (incompletos).



Confiança é a base do futuro.

A APCER, entidade líder de mercado na Certificação em Portugal e a representante na IQNet - The International Certification Network, disponibiliza as melhores soluções no mercado da Certificação. Desenvolve serviços inovadores para responder às necessidades e exigências dos nossos principais parceiros: os nossos Clientes.

Certifique-se que o êxito do seu negócio é sustentado por uma parceria credível, eficaz e experiente. Certifique-se com a APCER.



A Marca da Certificação



Educação Ambiental

Praticar para Melhor Ensinar



A nossa escola segue esta máxima em toda a sua actividade e princípios educativos. E a Educação Ambiental não é excepção. Assim, não nos limitamos a enunciar princípios, atitudes, comportamentos e valores, sobre as grandes questões do ambiente neste globo azul que habitamos, mas desenvolvemos acções quotidianas que pretendem levar à prática aquilo que ensinamos.

Já em 1993 (parece que foi ontem!), fomos pioneiros na recolha selectiva de papel e cartão e



manufatura de papel reciclado; a comunidade escolar e mesmo a comunidade envolvente traziam estes resíduos para a escola, que os entregava para reciclagem (recebendo por isso, imagine-se) e aproveitava parte do

material para realizar reciclagem artesanal de papel nas disciplinas de Ciências Naturais e Área Escola (uma espécie de Área de Projecto existente na altura). Convém esclarecer que ao tempo não existiam ecopontos na Póvoa e, nas poucas localidades onde existiam se limitavam a um par de Vidrões (um verde e um branco para recolha selectiva destes dois tipos de vidro).

Com o passar dos tempos, a recolha selectiva de resíduos urbanos evoluiu para a realidade que todos hoje conhecemos e a escola acompanhou os tempos, possuindo hoje recolha selectiva de papel/cartão, embalagens, “tampinhas”(conjugando ambiente e solidariedade) óleos usados e resíduos orgânicos para valorização (Operação Restauração 5 Estrelas). No que diz respeito aos chamados “monstros” (objectos de grande dimensão já não funcionais) sempre houve a preocupação de lhes dar nova funcionalidade ou dirigi-los, tal como aos objectos electrónicos, para os serviços especializados, que lhes dão o destino adequado. A propósito de “monstros”, no próximo ano lectivo



propomo-nos criar um clube de ciência e ambiente que, em conjunto com estruturas semelhantes de outras áreas, poderá reciclar o monstro das aulas de substituição.

Mas nem só com resíduos se preocupa o ambiente, pelo que as preocupações energéticas não foram esquecidas, substituindo-se todas as lâmpadas por dispositivos de menor consumo e garantindo a obtenção de água quente, na piscina, com recurso a painéis termodinâmicos em detrimento do uso de combustíveis fósseis.

A este propósito, não resisto a citar um português quase esquecido - o Padre Himalaia - contemporâneo do nosso patrono Rocha Peixoto (boa colheita humana, a desses anos!), que nos finais do século XIX e início do século XX investigou e construiu um aparelho colector solar - o “Pyrheliophero” - que lhe valeu a Medalha de Ouro na exposição Universal de St. Louis em 1904 (brevemente vamos dá-lo a conhecer melhor).

Porque para actuar é preciso conhecer, têm sido

propostos e implementados projectos no âmbito do conhecimento da realidade local como “A Água das Fontes da Póvoa de Varzim”, “A Água que bebemos, o Ar que Respiramos”, integrados em Projectos “Ciência Viva”, “Monitorização da Matéria Particulada”, no âmbito do Projecto EuroLifeNet, Monitorização



Ambiental no âmbito do Projecto ENEAS, Agenda 21 Escolar no Projecto “Educar para o Empreendedorismo”.

Como a cultura ambiental pressupõe acção comunitária e participação, congratulamo-nos pela acção conjunta de toda a comunidade escolar, direcção e gestão, professores, alunos, pessoal não docente e encarregados de educação. Preocupamo-nos também em actuar em conjunto com outras entidades e organizações e mantemos representação permanente no Conselho Municipal do Ambiente, que já por diversas vezes tivemos a honra de representar, em encontros de natureza diversa.

Pedro Monteiro

ESCOLA DE CONDUÇÃO

FASA R. da Alegria, 136 Tel. 252 644 554 Vila do Conde

ALA ARRIBA Av. Mouzinho Albuquerque, 149 Tel. 252 615 416 Póvoa de Varzim

LETRAS DO MAR R. Sacra Família, 602 Tel. 252 681 981 Mariadeira - P.V.

961 942 320

alaarriba@sapo.pt

Escola da Minha Vida

Um Regresso aos Anos Sessenta

Parece que foi ontem, mas já se passaram quarenta anos, que saí desta escola. Esta efeméride fez-me recuar no tempo e abrir a janela das minhas memórias, dando comigo a relembrar os tempos vividos.

Foi na Escola Industrial e Comercial da Póvoa de Varzim que passei os melhores anos da minha juventude.

Quando iniciei os meus estudos, a Escola funcionava

escola, entoando o hino da sineta composto pelo saudoso Antoninho Marta, meu professor de Canto Coral.

A nossa Escola foi inaugurada com a presença dos ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional. As imagens desse dia permanecem esbatidas na minha memória, lembrando-me apenas das alunas vestidas com as suas batas brancas, aguardaram no exterior pelas entidades oficiais.

Foi, portanto, numa escola novinha em folha que ingressei para fazer o 2.º ano do Ciclo Preparatório, de que retenho, igualmente, poucas memórias, pois a idade não perdoa. No entanto, além da inauguração desta Escola, queria recordar dois acontecimentos que suscitaram sentimentos contraditórios.

O primeiro diz respeito ao meu primeiro passeio escolar que foi à Barragem da Caniçada e ao Bom Jesus de Braga. Professores, alunos e familiares conviveram

alegremente sem distinção de classes. O Padre João Marques não resistiu a dançar o "Twist" para gáudio de todos os presentes.

Porém, ainda neste ano, a nossa escola foi abalada pela



Passeio escolar de 1963.



1962 - Corpo Docente da Escola Industrial e Comercial, entre eles os meus professores.

ainda nas antigas instalações da Fábrica do Gás, na fronteira com Vila do Conde. Da velhinha escola, retenho ténues recordações, pois somente a frequentei durante um ano. As imagens mais fortes prendem-se com o recreio das raparigas que era em terra batida e quando chovia formavam-se enormes poças de água.

Foi assim que, num dia chuvoso escorreguei no recreio e a minha bata de um branco imaculado, passou a ser castanha! Recordo ainda as salas desconfortáveis e a sineta a assinalar o início e o fim das aulas. Felizmente para mim e toda a comunidade escolar uma nova escola ia ser inaugurada no ano seguinte.

Rezam as crónicas que o dia 16 de Junho de 1962 foi o último dia de aulas nas antigas instalações, terminando esse dia com a marcha da sineta. Este acontecimento constituiu, por assim dizer, o passar de testemunho da antiga para a nova escola. Lembro-me da minha participação nessa marcha, que incluía os alunos de todos os cursos, percorrendo à noite o caminho até à nova

notícia da morte prematura do meu professor de Geografia, Dr. Fernando Barbosa, fundador do Boletim Cultural da Póvoa. Era uma pessoa de quem havia muito a esperar.

Acabado o Ciclo, optei pelo Curso Geral do Comércio, que me prepararia para o mundo do trabalho. Foram três anos de muito estudo em especial o das línguas em simultâneo (Português, Francês e Inglês), que sempre me acompanharam. Fizemos duas visitas de estudo que gostaria de destacar: à Sede do Banco Português do Atlântico no Porto e à CUF para ver "in loco" o fabrico da cerveja.

Desses anos 60, há que realçar ainda o facto dos estudantes desta escola desafiarem as autoridades escolares para acorrerem em peso a Vila do Conde, à Feira dos Vinte de Janeiro. Nesse dia, fazíamos greve às aulas para passarmos umas horas alegres, sem pensarmos nas consequências deste nosso acto de rebeldia. Como recordação desse dia, trazíamos da feira a habitual colher de pau, símbolo vivo desta feira anual.

O passeio dos finalistas não poderia ficar esquecido neste desfiar de memórias. No ano em que acabei o curso (1968) o destino escolhido foi o Algarve, uma região que nessa altura nada tinha a ver com a região de turismo de massas dos dias de hoje. Foi uma semana de grande convívio entre professores, alunos e seus familiares e onde mais uma vez o Padre João Marques deu "show" ao declamar poesia de José Régio.

A única nota negativa desta viagem foi a queda aparatosa da professora Albertina, que se magoou num braço. Na altura subestimou-se um pouco o acidente, pois a senhora andou vários dias com o braço fracturado.

Acabei o curso com a média de 13,4 valores e uma dívida de gratidão para com os meus professores. Nesse tempo, a relação aluno/professor era muito forte. Além do enorme respeito, havia também uma afeição que perdurava para além dos estudos, pois assim o



Viagem dos finalistas do ano lectivo de 1967/1968 ao Algarve.

demonstraram os convívios organizados por antigos alunos com o objectivo de homenagearem os seus professores.

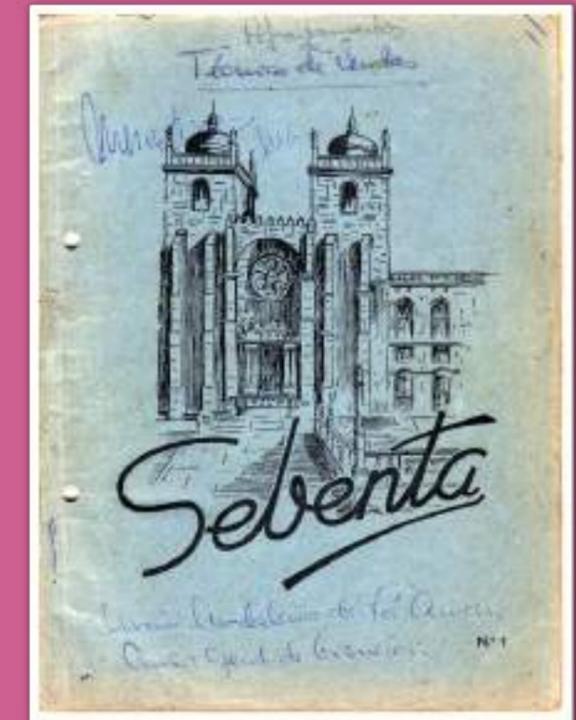
É de justiça elementar dizer que os professores que

Livros e Acessórios

No meu tempo os livros eram comprados em segunda mão. Normalmente eram adquiridos às colegas mais velhas como foi o meu caso, mas, por vezes, passavam dos irmãos mais velhos para os mais novos.

Competia ao Ministério da Educação Nacional escolher os livros. Estes, eram numerados e autenticados pelo Ministério. Nalguns casos, levava a assinatura do autor. Os títulos dos meus livros de leitura, quer no Ciclo Preparatório (Portugal Gigante), quer no Curso Geral do Comércio (Portugal Maior), apelavam ao sentido da Pátria.

Também nesse tempo havia os livros de leitura obrigatória, sendo o da disciplina de Inglês o "David



Copperfield" e na de Português lembro-me de ler o "Frei Luis de Sousa" e "Viagens na minha terra". Almeida Garrett era um autor de referência para nós.

Em relação aos cadernos, havia os "oficiais", pautados ou de xadrez, consoante a disciplina, nos quais escrevíamos os sumários e resumos da matéria dada. Por vezes, dava-me ao trabalho de decorar algumas páginas com desenhos coloridos, principalmente, flores. Ou então, colava bonecos que se compravam na papelaria, para lhes emprestar um aspecto mais atraente.

No meu tempo, os alunos tinham muito gosto pelos livros e cadernos, mantendo-os igualmente limpos. Nenhum dos meus cadernos chegou até aos nossos dias.

Havia também os cadernos de apoio onde fazíamos apontamentos da matéria dada na aula e as imprescindíveis sebentas. Nas capas, por vezes, escrevia os nomes dos artistas ou canções em voga.

Destes cadernos, restaram-me, dois exemplares, referentes às disciplinas de Inglês e de Mercadorias.

Outras Memórias

I - A Feira dos Vinte

Em Vila do Conde havia uma feira anual conhecida como Feira dos Vinte por se desenrolar no dia 20 de Janeiro. Nos anos 60 mantinha grande entusiasmo junto da comunidade estudantil em geral e dos alunos da Escola Industrial e Comercial em particular. O entusiasmo era tanto, que fazíamos greve às aulas da tarde, indiferentes à ameaça que sobre nós pairava, para acormos em peso a esta feira.

Passávamos uma tarde com muita alegria e alguns encontrões à mistura e ninguém vinha de lá sem a sua colher de pau, símbolo vivo desta feira anual.

No ano seguinte, marcávamos novamente presença no evento, desafiando de novo a autoridade da escola.

II - Atração Fatal!

É sabido que o tempo da adolescência é o tempo dos namoricos, quase sempre de curta duração e nem sempre evoluem para um caso mais sério. Mas no meu tempo, havia também as paixões platónicas das alunas pelos professores que, por vezes, provocavam alguns estragos.

Um dia, apareceu na nossa escola, um professor muito jovem e...muito giro, pondo a cabeça à roda de muitas alunas.

Uma dessas alunas, era uma amiga minha, que vinha como eu, de Vila do Conde, no autocarro da empresa Linhares. No terceiro período, o pai recebeu em casa um postal de comunicação de faltas às aulas. Como castigo, rasgou-lhe o passe do autocarro, obrigando-a a ir a pé de Vila do Conde à Póvoa e vice-versa.

A minha amiga faltava às aulas para observar o jovem professor na sala de aula!

III - As aulas de Físico-Química

A actual geração de alunos não imagina como era o ambiente escolar de há quarenta anos atrás. Neste aspecto, penso que não houve a passagem de testemunho das gerações que lhes precederam. Depois, as sucessivas políticas para a Educação fizeram com que o professor ficasse sem autoridade.

Nos anos sessenta, o ambiente era rígido e autoritário, mas sentíamos que tinha de ser assim. Quando um professor passava pelos alunos e estes se encontrassem sentados, levantavam-se, em sinal de respeito.

O ambiente dentro da sala de aula dependia do professor, mas normalmente decorria sem problemas. As excepções, eram as aulas de Físico-Química da professora Albertina que constituíam para os alunos, um verdadeiro tormento. Basta citar o facto de, antes de entrarmos na sala, termos a preocupação de nos benzermos ou entrarmos com o pé direito.

Mazinha por natureza, todos os dias fazia chamadas, ou seja, interrogava os alunos. Quando não sabiam a matéria, era bofetada pela certa! Nesse tempo, eu ainda não usava relógio de pulso mas, mentalmente eu contava os minutos que faltavam para a aula acabar e acertava nas horas!

Terminados os meus estudos, eu ainda sonhava com as aulas de Físico-Química e a professora Albertina. Garanto que não eram sonhos, mas antes pesadelos dos quais demorou muito tempo a libertar-me.

ensinaram a minha geração, marcaram o ensino na Póvoa. Por um lado, mantiveram-se nesta escola muitos anos a dar aulas e por outro lado, contribuíram com o seu trabalho e esforço para o prestígio desta Escola.

Nesse tempo existia a convicção de que os alunos com menos posses optavam pela Escola Técnica (como era conhecida esta escola), enquanto os mais afortunados escolhiam o Liceu. A partir daí nasceu, na minha opinião, o estigma de que esta Escola possuía alunos mais fracos. Ora já nesta altura, esta escola teve a grande virtude de aceitar os alunos rejeitados por escolas mais elitistas. Desta Escola saíram muitos alunos que vieram a fazer belíssimas carreiras.

A terminar este rol de recordações não posso nem quero deixar de citar o nome do nosso director de então, Dr. José Gomes de Sá. A sua figura de estatura alta, impunha por si só, muito respeito. Foi uma pessoa que deixou saudades, quando se afastou da vida activa por limite de idade, em 1965. Sucedeu-lhe o Eng^o Franklin Marinheiro.

Fecho a janela das minhas memórias para abrir a porta e espreitar o futuro.

Para quem, como eu, estudou nesta Escola e regressou ao fim de trinta e quatro anos para trabalhar, encontrou-a diferente, a começar pelo seu próprio nome, tendo adoptado como patrono o cientista poveiro Rocha Peixoto.

As suas instalações tinham, entretanto, passado por várias transformações, talvez devido à falta de espaço. Mas a maior de todas foi, talvez, dotar a nossa Escola de uma piscina, contribuindo para enriquecer as actividades dos nossos alunos, mas não só, encontrando-se igualmente ao serviço da comunidade.

Sendo uma escola virada para o futuro, vai desenvolvendo todo um trabalho que se tem reflectido nas diversas áreas: intercâmbios com outras escolas para conhecer a realidade dessas mesmas escolas; estreita colaboração com as “Correntes de Escrita” recebendo escritores num apelo aos nossos jovens para a leitura; instituiu um Concurso Literário para estimular a escrita aos seus alunos, bem como o dia da Escola que ficou a ser o dia 18 de Maio; recebeu este ano a visita de professores de cinco países europeus, a fim de desenvolver um projecto para a biblioteca; além do jornal da escola, criou a sua própria revista para levar mais longe o nome desta instituição.

Neste ano lectivo de 2008/2009 está a ser alvo de profundas obras que a dotarão, estou certa, de mais e melhores espaços para que professores, funcionários e alunos possam trabalhar com melhores condições e possa vir a ser definitivamente uma escola do século XXI.

Pelo passado que aqui vivi, pelo trabalho que estou a desenvolver no presente, esta é, sem dúvida, a Escola da minha vida!

Madalena Amaro

Antigos Alunos



Armando Marques

Eu também fui aluno

Por seis ocasiões andei pelo Palacete Postiga, actual esquadra da PSP, na Praça Marquês de Pombal. E em quatro durante o funcionamento da Escola Comercial naquele edifício.

A primeira vez foi nos anos de 1936 a 1940 para frequentar a escola primária, com exames na 3^a e 4^a classe (agora ensino básico), tendo como professor o saudoso Domingos Pinho, também dado à música, sendo dele as lindas canções da opereta “Maria”, e o texto do Dr. José Sá, que era director da Escola Comercial.

Depois, em 1945 e 1946, lá voltei pela segunda vez, para dar instrução da Mocidade Portuguesa, organização juvenil onde todos os estudantes eram “obrigados” a inscrever-se voluntariamente. Como não havia alunos da Escola Comercial com o curso da Escola de Graduados, coube-me, como comandante de castelo e mais dois colegas, por destacamento do Liceu a que pertencíamos, assegurar as actividades aos sábados, durante aqueles anos lectivos. Era Comandante de Grupo, logo nosso chefe, um jovem que se revelou, mais tarde, um excelente artista teatral e de que certamente muitos se recordarão, Paulo Renato. Já nesses anos, na cabine sonora da praia, por sua iniciativa (nome artístico, pois se chamava Renato Paulino) semanalmente ia para o ar a “Meia hora da MP”, que dizia o Modesto (Maio) responsável pela emissora, durava 45 minutos. E era verdade. Lá ia eu e mais dois amigos, um trio de harmónica de boca (ou

gaita de beijos) tocar modinhas populares e outros colegas com outras habilidades preenchiam o horário.

Já a trabalhar numa agência de viagens e com preocupações futuras, consegui junto da Dr.^a Maria Alice Eça, autorização para frequentar, em regime voluntário e no turno da noite, as aulas de dactilografia e contabilidade, que tão úteis me foram. E foi a terceira vez.

Na década de cinquenta, pela quarta vez, então como responsável municipal pelo Rancho Poveiro, ia assistir aos ensaios que tinham lugar na sala da retaguarda do rés-do-chão da Escola, então conhecida pela “Escola do Lixo” por ali, no quintal, se depositarem os recipientes municipais da recolha do lixo da então vila, longe ainda dos actuais contentores e ecopontos.

A quinta vez, como chefe do Serviço de Turismo municipal, na década de setenta, voltei ao ginásio da Escola, já então no actual edifício, para a realização de concertos musicais dedicados aos alunos.

E actualmente como sócio da agência de viagens RONDATUR permanece a minha ligação através da prestação de serviços com autocarros da empresa para as actividades escolares. Será a sexta vez.

Do que fica referido posso considerar-me, com orgulho, aluno da Escola e associar-me às comemorações em curso, do centenário da morte do seu patrono António Augusto Rocha Peixoto.

Armando Marques

Já lá vão uns meses largos desde as últimas instruções pelo auricular, desde a última reportagem em directo – o barrigão, com os seus respeitáveis sete meses de gravidez, já exige algum cuidado... e empurrou-me para o interior da redacção, e para funções de coordenação (nem sempre menos stressantes, diga-se em abono da verdade...). Já lá vão uns tempos, dizia eu mas, antes, era assim... Um dia em Barcelos, outro em Melgaço, um saltinho rápido a Santa Maria da Feira. Uma fábrica, um acidente, uma festa. Um directo, uma notícia, uma reportagem... É isto que faço. É isto que sei fazer.

Sou jornalista. Estou, há alguns anos, a trabalhar numa estação de televisão, mas já passei pela rádio, pelo online, pelos jornais. Pelo meio, “fugi” durante uns tempos para as Relações Públicas. Licenciiei-me já não sei bem quando, mas tenho a sensação que foi há muito, muito tempo – uns 10 anos, talvez? – em Comunicação Social, na Universidade do Minho. Antes, passei pela Escola Secundária Rocha Peixoto. Cinco anos, que fugiram a voar...

É engraçado... a expectativa em volta da universidade é enorme. Pintam-nos a coisa como uma espécie de passagem para o mundo dos adultos, um subida à Primeira Liga, patrocinada por uma bebida qualquer (alcoólica, pois claro, estamos na universidade!), mas confesso que, para mim, foi um “flop”. Foram anos vazios – ou quase. Lembro-me bem do primeiro dia, pelo terror que me provocou. Pânico, digo-vos eu...! Bem diferente da sensação do primeiro dia na ESCOLA. A escola Grande, dos Grandes. Onde víamos os mais velhos, no intervalo, a fumar. Eram tão crescidos!...

Não sei em que dia foi. Mas lembro-me que estava muito sol (ou se calhar não estava assim tanto, mas as pessoas têm o direito de pintar os dias memoráveis da cor que lhes apetece, certo?), estava calor. A Escola cheirava diferente. Os corredores eram enormes, labirínticos para

tratou-me todo o tempo por “senhora”!!!). Bem... Dizia eu que, no meu tempo, tínhamos de apresentar o cartão de estudante para entrar e sair da Escola. Era grande, de papel verde claro, carimbo azul com o nome do estabelecimento de ensino. A vermelho, na diagonal, em letras garrafais, as autorizações: Autorizado (ou não) a sair da Escola. Autorizado (ou não) a fumar. O meu cartão de estudante era um paradoxo: autorizada a fumar (eu, que até não fumava), não tinha aprovação para sair da escola durante os feriados (é verdade, ainda não tinham inventado as aulas de substituição...). Nunca percebi esta decisão da minha mãe. Mais tarde, entendi que as mães têm razões que a razão desconhece... Na altura, as razões dela mantiveram-me quietinha na Escola durante os feriados... e com os dedos cheios de cigarros alheios, sempre que, no intervalo, os “não autorizados” avistavam uma auxiliar...

7ªA, 8ªA. Turmas de Electro e Mecanotecnia. 22 rapazes e 8 raparigas. Oito princesas sem reino. Acho que estaria a limar os meus quadrados de chapa até hoje, não fosse a ajuda do C... No 10º (que choque!), as Humanidades. Seis rapazes no meio das galinhas. As lutas (nem sempre metafóricas) entre o mulhério pela popularidade... Quem da turma não se lembra da famosa confusão, no balneário, entre a L. e a E.? Hilariante!

O Latim – roma/romae – de que não recordo quase nada. A Sociologia que nos levou a Rio de Onor, um outro mundo, tão diferente, e mesmo aqui ao ladinho (foi coisa marcante! Na altura tínhamos uma visita de estudo por milénio...). O Português e a encenação de Gil Vicente. A Filosofia, para mim, um bicho de sete cabeças até ao 12º...

O assistir a aulas que não as nossas, pelo simples prazer de estar um pouquinho mais junto de um amigo especial. O primeiro beijo, o primeiro amor, o primeiro desgosto. O afirmar da personalidade (por outras palavras... a mania de que somos donos da verdade). As férias grandes (meu Deus, as férias grandes!!!) e o campismo no Rio Alto, quase

Catarina Folhadela

Jornalista na SIC

uma Desorientadinha da Silva como eu. As carteiras pareciam-me gigantes... Às vezes, a memória e a imaginação pregam-nos partidas, mas acho que sei exactamente onde me sentei nesse dia: mais ou menos a meio, do lado esquerdo da sala. Antes, tínhamos-nos concentrado no exterior, junto aos portões. Conheci a C., que viria a tornar-se minha Amiga para a vida.

No meu tempo (comecei a usar a expressão há pouco... Estava convencida de que este ainda era o meu tempo, mas caíu-me a ilusão por terra uma das últimas vezes que estive na Rocha: pedi uma informação a um aluno, segura de que passaria facilmente por uma recém-chegada aluna do 12º ano... Pois sim! Foi simpático o rapaz, lá isso foi... Mas

ao lado de casa. As amigas. As zangas. As reconciliações. Os medos. A timidez (sei de uma que tinha vergonha de pedir uma chiclete num café...). O fim da timidez (passou-lhe tudo depois de uma apresentação, na aula de Português, ter terminado com um incontrolável ataque de riso histérico. Foi penalizada na nota... mas a vergonha não a matou!).

Uma vida (que boa vida!) em cinco anos. A certeza que tudo só podia ter acontecido assim, naquela altura, naquele local. Na Escola. Não sei bem se foi lá que me fiz jornalista. Mas certamente foi lá que me fiz Gente.

Catarina Folhadela

- Catarina, 30 segundos e vamos para aí!

- Ok, obrigada...

- 20... *(os segundos a decrescerem e o ritmo cardíaco a aumentar...)*

- 10 segundos! Bom trabalho...

Tás no ar!

- Em directo à porta da fábrica, em Barcelos, está a repórter Catarina Folhadela... Catarina...

Como é que os trabalhadores receberam a notícia do encerramento da fábrica?

É com muita satisfação que apresentamos aqui a experiência de vida relativamente à nossa passagem pela Escola Secundária Rocha Peixoto, na época Escola Industrial e Comercial da Póvoa de Varzim.

Quando escrevo “nossa” estou a escrever em nome do Rui Bernardes, do Toni Bernardes e da minha pessoa, Teresa Bernardes, filhos do GRANDE “MESTRE BERNARDES”. Homem de pequena estatura, mas quem teve o prazer de o conhecer, de trabalhar com ele, de ser aluno dele, certamente concorda comigo. E muitos são os ex-alunos do “Mestre Bernardes” que ainda agora se sentem muito reconhecidos e agradecidos pela exigência e profissionalismo com que o nosso pai os preparou para as suas actividades profissionais, durante uma vida nesta Escola. Lembram também que durante o período escolar passaram por muitas situações “nada agradáveis” devido ao grau de exigência técnica, de rigor, de disciplina, de respeito e educação e que só mais tarde compreenderam que esse trato foi essencial para a adequada preparação para uma vida profissional de sucesso.

Tal como o nosso pai, por esta Escola passaram muitos outros Professores excepcionais, Professores por vocação aos quais deixamos a nossa singela homenagem, não podendo deixar de referir o Dr. José Sá, o Eng. Franklim, Drª Emília, Dr. Godinho, Drª Judite Caramelo, Padre Artur, Prof. Dr. João Marques, Drª Sílvia, Dr. Cardeal, entre muitos outros....

Relativamente à nossa passagem pela Escola Secundária Rocha Peixoto além de todas as peripécias próprias da idade de cada um (que dariam para escrever um livro....) recordamos que foram anos de disciplina, organização e de conhecimento técnico que nos proporcionou uma boa preparação, tendo contribuído para a obtenção de licenciaturas, o Toni Bernardes em Engenharia Mecânica, o Rui Bernardes em Economia e eu em Engenharia Química.

Com estas formações e com toda a determinação e dedicação estamos a dar continuidade à empresa fundada pelo Mestre Bernardes (nunca esquecendo que atrás de um Grande Homem está sempre uma Grande Mulher – Judite Bernardes) – ABER- Embraiaagens e Comandos Hidráulicos de António Bernardes, Lda.

Somos actualmente Sócios Gerentes da ABER, uma Indústria Metalomecânica sediada na Maia, que desenvolve a concepção, fabricação e comercialização de produtos e soluções para circuitos óleo-hidráulicos, sistemas de elevação e

sistemas de contentores soterrados.

É uma empresa com Patentes de Invenção registadas, empresa com o seu Sistema de Gestão da Qualidade Certificado pela APCER segundo a NP EN ISO 9001 e que está a exportar para 22 países, nomeadamente Polónia, Rússia, USA, Alemanha, África do Sul, Inglaterra, Argélia, Espanha França, Itália, Irlanda entre outros (a exportação corresponde a cerca de 80% de Volume de vendas).

E muito mais poderia ser dito, mas pelo exposto todos os alunos podem constatar que apenas com dedicação ao estudo, para que seja adquirida uma boa componente técnica, mas também com disciplina, rigor, respeito e educação, que são valores que também actualmente se respiram nesta Escola, está praticamente garantido um futuro profissional de sucesso.

Muitas felicidades para todos!

Teresa Bernardes

Irmãos Bernardes

Empresários



ABER
Marca Registada

Fabricante de
Contentores Soterrados

Rua Francisco de Almeida, 30
4470-410 Vila Nova da Telha | Maia
Telf: +351-229438070 | Fax: +351-229420823
PORTUGAL | EU
aber@aber.pt | www.aber.pt



A minha passagem pela Rocha Peixoto pode ser descrita como uma longa e feliz viagem! A escolha do destino foi mera sugestão e, dadas as boas referências, a indecisão tornou-se uma certeza: era esta a escola pela qual tinha esperado um verão inteiro!

oferecer. Logo no primeiro ano comecei por frequentar as aulas de dança e ali encontrei mais uma motivação para honrar o nome desta escola. Relembro o momento em que o grupo de hip hop venceu o campeonato regional e vimos o nome da nossa escola subir ao pódio! Cada vez mais fazia sentido fazer parte desta casa!

Como cartão de visita, nomeio a dedicação dos docentes e uma biblioteca acolhedora e completa na qual passei várias horas e fazia questão de visitar todos os dias, não só como local de estudo mas também lazer.

Findos três longos anos repletos de alegrias e tristezas, sucessos e fracassos e, após um período de estudo intenso, chegara a hora do adeus e ingressar na faculdade. Mas antes dessa nova reviravolta e,



como incentivo, recebi a notícia de que me tinha sido atribuído o prémio de mérito, pelo facto de ter conseguido uma boa média. Nesse momento, senti-me realizada por perceber que todo o esforço e dedicação tinha sido reconhecido e recompensado, vincando o lema de que vale sempre a pena o trabalho e a dedicação! Recebi aquele prémio como

Ana Paula Torre

Melhor aluna dos Cursos Científico-Humanísticos

2007/2008

Quando cá cheguei, senti-me num labirinto mas rapidamente, face à calorosa recepção por parte de professores e funcionários, encarei a situação como uma simples mudança de casa!

As boas condições, os recursos disponíveis e um ambiente de conforto facilitaram o estabelecimento de relações com colegas de turma e professores e cada dia motivava mais que o anterior para acordar e ir para a escola. Aqui encontrei amigos para a vida e vivi momentos que nunca esquecerei. Recordo uma escola justa, onde todos são iguais, cada aluno tem o devido valor e onde todos são reconhecidos pelo bem que fazem.

O processo de aprendizagem não podia ter sido melhor. O empenho de todos os professores facilitou o meu gosto pelo conhecimento e ajudou a obter bons resultados, pois mostraram-se sempre disponíveis para esclarecer dúvidas ou fazer exercícios em horários compatíveis.

Além disso, é de referir também a variedade de actividades e concursos que a escola tinha para

parte de uma taça erguida por uma equipa, equipa essa que me acompanhou desde o primeiro momento, esteve sempre do meu lado e lutou para o meu sucesso. Além disso, marcou para sempre a minha ligação com esta escola.

Neste momento, estou a frequentar o **curso de Medicina, na Faculdade de Medicina do Hospital de S. João**, no Porto, onde entrei com média de 18,75. Este objectivo agora conseguido nem sempre estive na minha mente apesar de querer desde cedo trabalhar na área da saúde. Foi fruto de grande reflexão e ponderação, mas depois de definido, agarrei-o com unhas e dentes. Para o futuro, não tenho sonhos excêntricos, apenas a vontade de contribuir para um mundo melhor e mais saudável e, quem sabe, conseguir melhorar o acesso à saúde por parte dos países do terceiro mundo.

Este é o conselho que deixo a todos que por aqui passaram: definir bem os objectivos e sonhos, lutar e aproveitar tudo o que esta escola oferece para os concretizar.

Ana Paula Oliveira da Torre



Ricardo Graça

Melhor aluno dos Cursos Tecnológicos/Profissionais

2007/2008

A minha segunda casa

São excelentes as memórias que tenho do meu percurso escolar na Escola Secundária Rocha Peixoto. Foi lá que me tornei, em grande parte, a pessoa que sou hoje, sem dúvida, tanto a nível académico, como social.

O meu nome é Ricardo Graça. Neste momento, frequento o 1º ano do **curso de Mestrado Integrado de Engenharia Informática e Computação na Faculdade de Engenharia do Porto (FEUP)**.

O meu percurso escolar passou pela escola primária da Lapa, pela Escola E.B. 2/3 Cego do Maio e, depois, pelo ingresso na Escola Rocha Peixoto no curso Tecnológico de Informática.

Sempre vivi rodeado de tecnologia e informática, muito por influência dos meus irmãos mais velhos, e sempre me senti bastante atraído pela Informática não só ao nível do simples utilitário, mas também na sua vertente mais profunda.

Ao longo dos três anos que passei na Rocha Peixoto, do ano lectivo de 05/06 até 07/08, senti-me como numa segunda casa. Logo no 1º ano, senti-me muito a vontade com os professores, como a professora Ilídia Ferreira, a Directora de Turma durante o 10º e 11º anos, que teve um papel importantíssimo na minha vida e ajudou-me imenso na minha integração escolar. Outros professores, como a professora Marcela Pinho e o professor

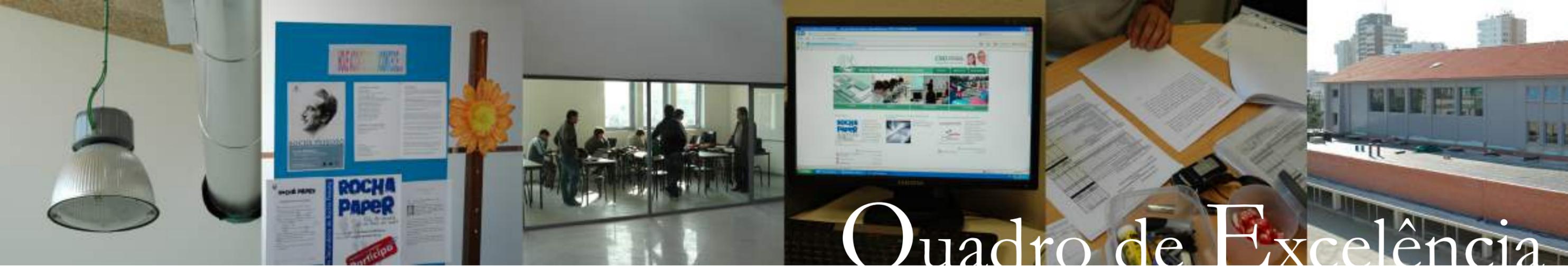
Álvaro, incentivaram-me muito a procurar novas tecnologias fora de sala de aula.

Mas sem dúvida que o ano mais marcante foi o 12º, pois foi o mais profissional, devido aos projectos desenvolvidos e ao estágio. Nesta fase, tenho a agradecer muito ao professor Plácido Sousa pelo extraordinário apoio que deu ao longo do ano. A minha experiência profissional, durante o estágio, decorreu na Trium Informática. Aqui desenvolvi muito as minhas capacidades e conhecimentos informáticos.

Agradeço à Escola Secundária Rocha Peixoto pelas imensas oportunidades que me foram dadas, tanto a nível profissional como social, pondo à minha disposição muitas actividades que proporcionaram um melhor ambiente social dentro da escola, o que fazia com que me desse mais gosto frequentá-la.

Para finalizar, quero desejar a maior sorte a todos que frequentam a escola e que aproveitem ao máximo todas as oportunidades dadas, pois, no futuro, olharão para trás e verão que tudo que foi feito tinha um propósito e, no momento certo, estarão a tirar frutos de todos os sacrifícios passados. Eu noto isso neste momento, pois, em termos técnicos, sinto-me completamente à vontade no curso que frequento e sei que foi devido ao meu percurso académico na escola Secundária Rocha Peixoto.

Ricardo Graça



Quadro de Excelência

A Nossa Oferta Escolar

UM ENSINO E
FORMAÇÃO COM
QUALIDADE

2009/2010

Cursos Diurnos

3º Ciclo do Ensino Básico

Cursos Científico Humanístico:

- Curso de Ciências e Tecnologias
- Curso de Línguas e Humanidades
- Curso Sócio Económicas

Curso Técnico de Desporto

Curso Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos

Curso Técnico de Recepção

Curso Técnico de Segurança do Trabalho e Ambiente

Curso Técnico de Gestão de Ambiente

Curso Técnico de Contabilidade

Curso Técnico de Design Gráfico

Cursos Nocturnos

Cursos Científico Humanísticos

Cursos Tecnológicos

Cursos Profissionais

Mais informações:

Na Escola Secundária de Rocha Peixoto, através dos seguintes contactos:

Tel **252 681 884**

Fax **252 681 077**

Email **conselhoexecutivo@esrp-pv.mail.pt**

www.esrpeixoto.edu.pt

7º Ano

Filipa Miranda da Costa
João Pedro Terroso da Silva
Luís Miguel da Almeida Fabião
Miguel Ângelo Feliciano Silva
Rui Pedro Gonçalves Pinheiro

8º Ano

Ana Luísa de Castro
Carolina Alves Lino
Daniela Oliveira Resende
Edgar Francisco Dinis Gonçalves
João Pedro Carvalho Graça
João Pedro Macieira de Amorim Lopes
João Pedro Miranda Coelho
José Miguel Costa
Maria Roda Babo de Sá
Tomás Troina de Carvalho
Vanessa Catarina A. Pedrosa Gomes

9º Ano

Eduardo António Martins Gonçalves
Gisela Filipa da Silva Ramos

10º Ano

Ana Isabel Machado Vidal
Ana Lúcia Pinheiro Claro
António Diogo Figueiredo André
César da Ponte Soares de Pinho
Daniela Patrícia Araújo
Fátima Maria Faria Oliveira
Joana Sucena Pereira Fonseca
José Edgar Carvalho Amorim
José Eduardo dos Santos Vasco
Tiago André Pinheiro Rodrigues da Silva

11º Ano

Marina Isabel Oliveira da Silva
Ruben Tiago Ferreira Ribeiro
Sara Raquel Figueiro Marques
Zita Alexandra Ribeiro Canão

12º Ano

Ana Catarina Fortunato Novo
Ana Filipa Neves da Silva
Ana Paula Oliveira da Torre
Ana Teresa Lino
Andreia Cecília Vieira da Cruz
Andreia Sofia Abreu
Andreia Sofia Barcelos Soares
Armando Luís Carvalho Barbosa
Bruno Miguel Barroso da Nova
Catarina Andreia Carvalho
Cátia Daniela Lima de Sousa
Cecília Maria Sandim Angeiras
Daniela Faria Campos
Deolinda Silva Costa
Diogo Alexandre Areias M. Laranjeira
Elizabete Maria da Costa Silva
Graciete da Silva Santos
Ivo Matias da Costa
Joana Lopes Tomé Casais
José Manuel Oliveira da Silva
José Pedro da Cunha M. Morim
José Pedro de Azevedo Costa
Juliana Isabel Miranda Ferreira
Maria de Fátima Moreira Sá da Silva
Maria José Azevedo Ramos
Maria José Frasco Alves
Mário António Fonseca Soares
Pedro Tiago Silva
Raquel Alexandra Lima Rodrigues
Ricardo Gabriel da Silva Graça
Ricardo Manuel Castro L. Alba Santos
Sílvia Isabel Ferreira dos Santos
Sílvia Maria Macedo da Silva
Tiago Soares Pinheiro
Vanessa Filipa Novais Carvalho

À semelhança dos últimos anos, a Escola Secundária de Rocha Peixoto vai distinguir os alunos, que em resultado do esforço e do seu empenho, mais se destacaram no ano lectivo 2007/2008 atribuindo-lhes os Diplomas de Quadro de Excelência

Actividades

Uma Escola com Vida tem que ser muito mais que a sua componente académica. Uma Escola com sentido de pertença e que interiormente seja sentida como uma segunda casa tem que desenvolver actividades culturalmente e socialmente enriquecedoras em que a comunidade escolar esteja empenhada. Daí a importância que a nossa Escola vem dando há largos anos às actividades de complemento e extracurriculares, plasmada estrategicamente no seu Projecto Educativo. Algumas destas actividades positivamente enraizaram e fazem parte já da identidade da Escola. São de destacar o Grupo Coral, que já comemorou o seu décimo aniversário e o Núcleo de Teatro “Devisa” que acaba de organizar a IX Mostra de Teatro Escolar. É de referir também a tradição de organizar intercâmbios culturais e desportivos com outras escolas. No âmbito do Desporto Escolar destacam-se as Danças Urbanas e a Natação, estando em plena fase de desenvolvimento o Golfe e o Basquetebol.



os membros da comunidade escolar. Estão localizadas ainda, no piso superior, a reprografia, a papelaria, as novas salas de informática e a sala de trabalho dos professores.

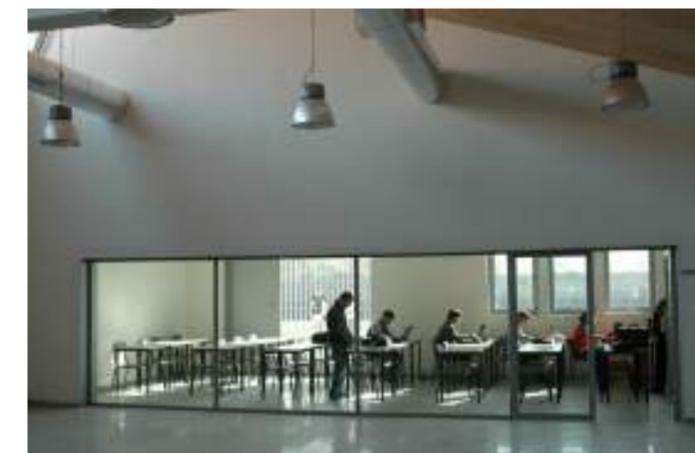
Um novo bloco fará a ligação entre os dois corpos principais da Escola, já existentes, sendo o piso superior ocupado pela nova biblioteca, com uma área apreciável, que irá permitir continuar a desenvolver o trabalho que já vinha a ser feito, depois da adesão da nossa Escola ao programa de bibliotecas escolares. No piso inferior localizar-se-ão o centro de formação, com um pequeno auditório de apoio, as salas de convívio de funcionários e professores e o arquivo da Escola.



A Norte, entre a piscina e o bloco oficial, surgirá o novo pavilhão gimnodesportivo, com bastantes alterações em relação à versão inicial, graças à intervenção construtiva dos professores de Educação Física e do Conselho Executivo da Escola.

O bloco oficial completamente remodelado passará a albergar também os novos laboratórios da Escola para as áreas de Biologia, Física, Geologia e Química.

O edifício do antigo ginásio passará a albergar no piso superior um auditório polivalente e várias salas anexas para as Áreas de Expressões, incluindo o Grupo Coral e o Clube de Pintura e no piso inferior uma cozinha, refeitório e bufete



completamente novos, a que se juntam uma enorme sala de convívio para os alunos e as instalações para a associação de estudantes.

O corpo principal, que será completamente remodelado por dentro, passará a albergar as novas salas de aula e salas de apoio, devidamente equipadas para a utilização das novas tecnologias e ainda o Centro Novas Oportunidades da Escola.

A Escola passará a ter sem dúvidas excelentes condições para fazer desenvolver os processos de aprendizagem e de formação, contando à partida com toda a colaboração da comunidade escolar e da comunidade local e desejando ardentemente que os efeitos das políticas educativas não sejam obstáculo a este processo, ajudando a implementar os princípios do rigor, da justiça, da solidariedade, da disciplina e da qualidade.

Noel Miranda
(Vice Presidente do Conselho Executivo)

O Mesmo Espírito Numa Escola Renovada

A Escola Secundária de Rocha Peixoto, cujo edifício actual ficou pronto a ser utilizado no ano de 1962, viu serem completamente alterados, ao longo dos anos, as suas funcionalidades, a população escolar e os seus objectivos, passando por todas as reformas introduzidas no sistema educativo português, mas mantendo as suas características físicas e estéticas e não sofrendo nunca obras de manutenção ou de remodelação profundas.

A Escola que era comercial e industrial e que albergava cerca de 300 alunos, vê-se confrontada com o alargamento da escolaridade na década de setenta do século passado e como consequência da Revolução de Abril, com a cedência de instalações para o funcionamento de aulas do 2º ciclo, com o aumento de frequência de cursos nocturnos, com o alargamento de oferta de cursos secundários, etc. A Escola chegou a ter cerca de 2000 alunos e na última década estabilizou num número que se aproxima dos 1500 alunos.



Em resultado de todas estas modificações, os órgãos directivos da Escola tiveram que proceder ao longo do tempo a alterações internas, adaptando os espaços às novas funcionalidades necessárias, quase sempre sem orientação técnica superior, pois as prioridades do Ministério da Educação iam para as novas construções de escolas, necessárias em resultado do aumento da população escolar, sobretudo no 3º ciclo do Ensino Básico, com a escolaridade obrigatória de nove anos, e no Ensino Secundário. Como os orçamentos para a Educação nunca foram prioritários para os sucessivos governos, mesmo as novas construções eram

implementadas segundo modelos importados, em muitos casos desajustados às condicionantes climáticas e geográficas. Por isso, a Escola Secundária de Rocha Peixoto apesar de todos os improvisos e remendos efectuados ao longo do tempo, acabou por conseguir preservar melhores condições de trabalho para a comunidade escolar do que muitas escolas mais novas.

Ao longo de mais de quarenta anos de existência, o edifício da actual Escola praticamente só teve intervenções de monta por parte do Ministério da Educação em situações manifestas de rotura: na rede eléctrica em resultado de rotura de cabos eléctricos que transportavam a energia do quadro central, na rede de água quando esta tinha roturas de frequência semanal nos mais diferentes locais da Escola, no sector oficial depois de durante alguns anos chover no seu interior, nos telhados dos edifícios principais depois de começar a chover nas salas de aula, etc.

Foi com surpresa e também com satisfação que o Conselho Executivo tomou conhecimento, em 2008, da intenção do Ministério da Educação de incluir a Escola no programa de modernização do parque escolar nacional, recorrendo à possibilidade de incluir estas obras no Q.R.E.N. e portanto de recorrer a uma comparticipação significativa do Fundo Social Europeu. A satisfação foi ainda maior quando o Conselho Executivo tomou conhecimento que a intervenção seria personalizada, sendo o projecto entregue a um gabinete de arquitectura, no caso ao do Arq. José Gigante, e que o Conselho Executivo seria ouvido em todas as fases da obra.

É convicção dos principais responsáveis da Escola que, para este salto qualitativo, foi fundamental o caminho estrategicamente definido há muito tempo e evidenciado no lema "Uma Escola de Todos para Todos – Uma Escola Multidimensional que Hoje seja melhor que Ontem". Hoje, mais do que nunca, a Escola deve estar preparada para diversificar a sua oferta educativa e nesta perspectiva é que se pode compreender a dimensão da obra.

A Escola passará a contar com um novo bloco virado a Sul, onde serão concentrados todos os serviços: gestão, serviços administrativos, acção social escolar, serviços de psicologia, ensino especial, apoios educativos, direcções de turma, etc. para apoio a todos



Bem-vindo ao Hotel Vila Park

Situado entre as cidades de Sines e Santiago do Cacém, o Hotel Vila Park oferece o local ideal para quem é apreciador da natureza, procura lazer, reuniões de negócios ou necessita de um bom descanso.

Com 79 quartos, sete dos quais para deficientes, duas piscinas com esplanada de apoio, restaurante, bar, um amplo espaço verde e uma sala de reuniões com capacidade para 160 pessoas, o Hotel Vila Park é um empreendimento turístico pensado para o seu bem-estar pela qualidade de atendimento, serviços e comodidade, assumindo uma aposta de qualidade no turismo de lazer e negócios.

Em 26 de Fevereiro de 2007, o Hotel Vila Park foi o primeiro hotel de 3 estrelas de Portugal a estar certificado ambientalmente com a ISO 14001, sendo desde 10 de Julho de 2007 um dos 12 hotéis com o galardão **Chave Verde**. É também um hotel **Carbon Free**, pois tem um programa de gestão voluntária de carbono (GVC), compensando as suas emissões de CO₂ com a plantação de mais de 21.000 árvores. Desde Janeiro de 2009 é um **ECO-HOTEL (TUV)**.

- 79 quartos, sete dos quais para deficientes
- Sala de reuniões com capacidade para 160 pessoas
- Restaurante "Mesa da Vila"
- Bar "Copos da Vila"
- Duas piscinas com esplanada de apoio
- Certificação Ambiental ISO 14001
- Galardão Chave Verde
- Hotel Carbon Free
- Certificação Ambiental Eco-Hotel

www.vilapark.com

GPS: N 38° 03' 10"
W 8° 47' 12"

reservas@vilapark.com
Tel: +351 269 750 100
Fax: +351 269 750 119



Dia dezoito de Maio, 2008, dia de festa!

O domingo ainda se espreguiçava de uma manhã um pouco sombria quando começaram as várias actividades para este dia. Os putos, protegidos pelas mããs e papás, às nove em ponto, plantavam-se junto ao ginásio para o seu jogo de futebol. O futuro está nuns pontapés.

Os alunos do curso tecnológico de desporto, assumindo a sua função de mestres e organizadores de eventos desportivos, tendo nas suas camisolas estampada a sugestiva, e não menos estranha, palavra: STAF, que lhes colocava uma grande responsabilidade sobre os ombros, procuravam conduzir a petizada para o espaço que lhes estava reservado.

A azáfama era grande.

Técnicos aprontavam os apetrechos que iriam proporcionar, aos mais afoitos, mostrar a sua capacidade de resistências sobre o dorso do touro mecânico, ou montavam as cordas para outros desportos radicais.

No espaço interior, enquanto a manhã acabava de acordar, as mãos de fada de prendadas senhoras distribuíam, por pontos estratégicos da escola, arranjos florais (que belas flores!...), preparados de véspera por alguns artistas da casa.

Eis o primeiro grande momento!

10 horas da manhã. Chegava o senhor Domingos Lima! Ah! Já cá estava o Director da Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, Dr. Manuel Costa, nosso parceiro nestas coisas da cultura! Por falar em cultura, o Vereador da Cultura, Dr. Luís Diamantino, acaba de chegar e integra-se no grupo.

Começa a sessão. Gente da casa? Não faltava!

Protocolo ensaiado mas adulterado. Haja originalidade.

Boas vindas, distribuição da novel revista "A Rocha", visita à exposição. Mais uma vez o protocolo foi mandado às melgas. Era tal o entusiasmo do senhor Lima a contar os retalhos da sua vida, (que encantador e ternurento momento!...), que se antecipou a qualquer intervenção mais formal que o acto exigia. Perdoa, Albina, o discurso que tinhas preparado era uma lição de cultura! Mas... aquela viagem na história de uma vida!... Concluída com deslumbramento das transformações visuais que os anos provocam em tão gentis criaturas que fazem funcionar esta casa!...

Dia da Escola momento de apresentação de interessantes trabalhos da Área de Projecto... Energias que se renovam, suores que o nervosismo fabrica porque os olhares interessados de uma assistência ilustre vigia os movimentos de quem se afadiga a experimentar o que preparou ao longo de um ano.

Há artista!!!

Na caminhada matinal pelos pontos de interesse da escola, surpreendeu-nos a beleza da cor e movimento dos quadros do senhor Henrique. A alma do artista, e a família inteira, davam colorido a uma sala que, noutros momentos, se revelava despida de sentimentos.

Cansados?

Temos a solução. Peguemos na toalha e encaminhemos para o Ginásio. Que tal uma sessão de ioga? Eu sabia. Que tranquilidade! Nem se dá pelo passar das horas! Depois, um pé de dança, sim, dessas danças que enchem o salão e confortam a visão, e estamos prontos para o almoço.

O aperitivo foi servido. Muita música, muito salto, muita animação. A tuna, GestrinTUNA, faz vibrar os comensais de tal modo que a as mesas da comida, apesar de oferecerem saborosos alimentos, jaziam solitárias e abandonadas por toda aquela turba amante de tão excêntrica arte.

Finalmente! Aquela multidão, com sofreguidão inicial, atira-se aos rissóis, bolinhos de bacalhau, grão-de-bico, febras...

O almoço não pode ser prolongado, a hora da cultura aproxima-se.

O senhor Domingos Lima já chegou... Ainda a tempo de partilhar a divisão do bolo com a direcção da escola. Rapidamente a biblioteca anima-se. O senhor Domingos Lima depressa se anima para contar um pouco da sua passagem pela escola. "Foi nos longínquos anos de... No palacete Postiga, onde hoje está a PSP..."

A conversa anima-se. Sabemos algumas particularidades deste descendente da família Brandão de Beiriz e do engenheiro Ezequiel Campos. Domingos sempre foi homem de poucas falas, como prova a forma como pedia o almoço, que se limitava a levantar o auscultador do telefone, na hora do expediente da livraria Lello e... "bacalhau com grão", simplesmente. Mas, aquela plateia tão atenta e com tantos jovens animara o ilustre convidado a desnudar o seu passado.

Como a velocidade das horas exigia a concretização de outros eventos, avançou a actuação do Grupo Coral. Não. A festa ainda não acabara. Apesar da chuva ameaçar, o programa não estava concluído. Precavendo qualquer precipitação, o Grupo de Danças Urbanas, vencedora na Região Norte, nessa modalidade do desporto escolar, exhibia-se graciosa e harmoniosamente no ginásio. Ao mesmo tempo, lá longe, no campo verde, pais, alunos e professores fíntavam a bola, imitando os ronaldos, quaresmas..., numa comédia triangular com algumas cenas concluídas por um ou outro golo. Momento de convívio interessante que acabou com a entrega de uma taça a todos os vencedores. Sim. Apesar da ordenação dos resultados ditar que o escalonamento começaria pelos professores, continuaria com os alunos e terminaria com os pais, a verdade é que todos saíram vencedores deste salutar convívio.

Finalmente!

Acabou. Para este ano. Ficaram as saudades e a chuva, que se mantivera ausente, em respeito por todos nós, durante as celebrações.

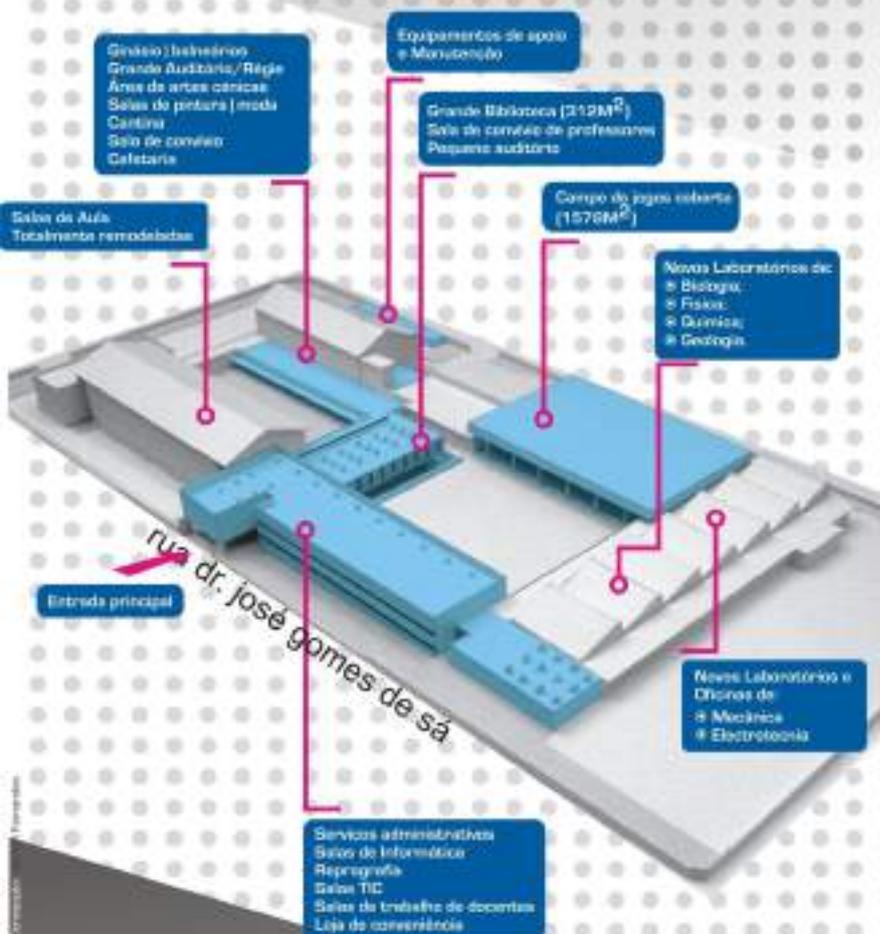


18 de Maio 2008

UMA NOVA ESCOLA

UMA ESCOLA NO FUTURO

Escola Secundária de Rocha Peixoto



5256 M² úteis áreas remodeladas

3997 M² úteis de novas construções

INÍCIO DO PROJECTO EM 2008 / FIM EM 2009

